

COLEÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES, FAUNA DO CERRADO NO SUDOESTE GOIANO, O IMPACTO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ana Lúcia Resende* Jussara Rocha Ferreira**Daniela Ferreira Miranda Kloss***
Douglas José Nogueira**** João Batista de Assis*****

RESENDE, A.L. ; FERREIRA, J. R.; KLOSS, D.F.M. ; NOGUEIRA, J. D. ; ASSIS, J.B. de. Coleção de animais silvestres, fauna do cerrado do sudoeste goiano, o impacto em educação ambiental. *Arq. Apadec*, 6(1): 35 - 41, 2002.

RESUMO: O cerrado, habitat natural de espécies pouco estudadas, representa fronteira de expansão em aspectos científicos e educativo-culturais. O aumento das fronteiras agro-pastoris, vinculadas historicamente à derrubada indiscriminada das matas e às queimadas, representam sinais de alerta para grupos emergentes de Ensino e Pesquisa Regionais. Preocupados com os fatores que provocam a devastação da flora e fauna e os desequilíbrios ambientais, implantou-se no Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás um laboratório de metodologia morfológica com a finalidade de coletar, preparar e expor os animais silvestres e os domesticados na região. A coleção foi montada a partir da coleta de animais acidentados nas rodovias ou encontrados mortos pelas queimadas ou outras causas em propriedades rurais da região. Aproveitados ao máximo para inclusão das peças em glicerina, preparo dos esqueletos, e taxidermização destinada à exposição com fins educativos. Para isto, foi estruturado um programa de extensão universitária no qual alunos da rede de Ensino Fundamental e Médio foram atendidos. A expectativa foi conscientizar a sociedade da necessidade de mudança de atitudes da população em relação à fauna e ao meio ambiente local. Aspectos da forma e função do corpo animal, associados por analogia ao corpo humano, tiveram finalidade educativa. Os resultados obtidos nos permitiram perceber a sensibilidade da comunidade a este chamamento ético e preservacionista. Acreditamos que a fauna do cerrado, tendo ultrapassado tantas barreiras evolutivas, não venha a ser mais uma vítima da dizimização, se cada grupo de educadores cumprir com o seu papel social e compuser com a sociedade, instruindo-a.

PALAVRAS CHAVE: Educação ambiental; ensino extensivo; museu didático; animais silvestres.

INTRODUÇÃO

Analisando o papel do educador nos países em desenvolvimento, vamos continuar indagando a nós próprios: o que fazemos? a que propósito atendemos? a que finalidade se destinam nossas ações?

Ao implantar os cursos da área biológica no Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás, nas disciplinas de Anatomia Humana e comparada, nos propusemos a um pensar conjunto sobre as ações que iríamos desenvolver com nossos alunos. Para isto, era indispensável examinar, emergir da animalidade e erguer-nos para sermos senhores do nosso próprio caminho. Gostaríamos de pensar um local, uma sala de aula, um laboratório, um projeto de ensino, onde todos os centros individuais do poder estivessem dominados em si mesmos, para projetarmos um futuro profissional que fosse capaz de se movimentar no rumo do legítimo bem. Esta forma de

ação, a partir do simples, poderá significar que os homens, frutos desta ação construtiva, representarão amanhã elementos que transitam suavemente pela sociedade com a capacidade de erradicar a discórdia, a inação e a desigualdade, a destruição e a dizimação.

O que nos movia? O ideal no rumo do bem. Nosso tema: a Anatomia Comparada e o Ambiente. Nossa arena: a sala de aula; os laboratórios por fazer; as coleções por coletar e organizar. Nossos atores: docentes, grupos de pesquisa, funcionários, alunos dos cursos de Biologia e Medicina Veterinária. Nossa proposta: criar, participando e construindo, uma coleção que, desde o princípio, fosse educativa, aberta, preservacionista, itinerante, interativa, interdisciplinar, porque esta é a tônica desta Era. Assim fizemos. Vejam que não há segredos no método, porque a Anatomia Comparativa simplesmente já é, pela sua construção no tempo profundo, lição de vida, da forma e da função na

* Fisioterapeuta. Profa. Depto. de Biologia do Campus Avançado de Jataí, UFG, Jataí - Go.

** Profa. Titular apos. do Depto. de Morfologia ICB, UFG. Rua 111, 250, S. Sul, 74085-115. Goiânia, Go.

*** Mestranda em Relações Internacionais. Universidade de Brasília. UnB, Brasília - DF.

**** Prof. da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires - FACESA, Valparaíso de Goiás - Go.

***** Técnico em Anatomia do Campus Avançado de Jataí, UFG e da FACESA, Valparaíso de Goiás - Go.

natureza.

Ao organizarmos este trabalho, nossas ações estavam baseadas em um referencial que nos apoiava. Considerando que indicadores estatísticos nos alertam para o fato de que o Brasil tem uma população escolar universitária que corresponde a apenas 9% dos jovens a partir dos 14 anos de idade, contra 60% em países desenvolvidos. Isto significa dizer que é necessário formar categorias profissionais preocupadas com o Ensino, a aprendizagem e as questões sociais para mudar valores e atitudes.

REIS (1997) coloca que o problema da Extensão como prática acadêmica e sua indissociabilidade do Ensino e da Pesquisa é remoto, denominando processual orgânica emergente, a concepção de universidade que forma simultaneidade em parceria político-pedagógica com a sociedade. Além disso, tivemos o exemplo da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa que, desde 1920, atende à comunidade, prestando assistência técnica a fazendeiros da região. CAMARGO (1999 e 2000) nos convida a refletir sobre o papel de cada um que oferece programas na área de educação para adolescentes entre 12 e 25 anos, porque, nesta fase, eles lutam pela sua transformação física, pela sua identidade, pela sua relação diferenciada com o mundo dos adultos. Além disso, questões entre o limite e o poder podem incluí-los ou excluí-los em formas de comportamentos socialmente adequados ou não. Enquanto ABERASTURY & KNOBEL (1989) definem, para quem quer educar, os sintomas da adolescência normal que, ao buscar sua identidade, tem tendência grupal e necessidade de aprender, além de fantasias associadas a crises religiosas, reivindicadoras, de humor, reparação dos pais e contradições aos valores impostos, entre outros. Trabalhando as questões do ensino tradicional de anatomia FERREIRA (1998) e SIQUEIRA-NETO & FERREIRA, (1997) apontam para dificuldades da educação bancária que não faz do aluno um sujeito participativo desestimulando-o e até conduzindo-o a não se considerar competente para estar no curso universitário. Referindo-se ao papel educativo de coleções universitárias FERREIRA & LUIZ (1998) e FERREIRA et al. (1999) relatam experiências onde apontam soluções para se repensar a relação ensinar aprender a partir do preparo de pessoal técnico para compor acervos, acondicioná-los e repensar a ação docente-discente, de forma a estimular os profissionais a se tornarem curadores das coleções de ensino ou pesquisa,

garantindo a continuidade das instituições. Com relação às experiências educativas em ensino extensivo, os autores FERREIRA et al. (2000 a/b) relatam experiências extremamente simples, mas que foram capazes de mudar a realidade de turmas de alunos com dificuldades na aprendizagem dos conteúdos, mas que transformaram sua própria realidade na interação ciência/arte. Através de atividades de ensino extensivo, seja usando as artes cênicas como forma de fixação da aprendizagem, seja com alunos, professores, os estudantes do Curso de Biologia atuaram como transferidores do conhecimento que tinham recebido em sala de aula para a comunidade, em atividades práticas laboratoriais, utilizando a estrutura universitária para suprir deficiências nas escolas de ensino fundamental e médio.

MATERIAL E MÉTODO

Este trabalho é de natureza qualitativa de educação participante. A metodologia de pesquisa em Ciências Sociais interpreta que o homem é, ao mesmo tempo, agente e ator das transformações no tempo em que vive.

Preparamos uma coleção de animais domesticados e silvestres utilizando-nos de técnicas morfológicas: osteotécnicas, neurotécnicas, técnica de Giacominni, taxidermização. Fomos divulgando na comunidade a possibilidade que cada cidadão teria de colaborar auxiliando-nos na coleta ou na informação de onde buscar animais mortos naturalmente ou em acidentes. Os animais foram recebidos no Laboratório de Anatomia da Universidade Federal de Goiás, no Centro de Ciências Agrárias do Campus Avançado de Jataí. Após a coleta são destinados à confecção de esqueletos: articulados, para o ensino ou desarticulados, para a pesquisa. As vísceras em condições de aproveitamento são armazenadas para projetos futuros e as formações tegumentares em condições servem à taxidermização. Preparada a coleção, fizemos um projeto de extensão universitária, dirigido ao Ensino Fundamental e Médio, que atuou da seguinte forma: treinamos acadêmicos de graduação para monitorar o projeto, orientados por um docente; contatamos, através de ofícios, os estabelecimentos da Rede Regional de Ensino; então, cada estabelecimento solicitou o atendimento, agendando à visita. De acordo com o perfil do grupo, utilizamos os animais domésticos para mostrar o funcionamento dos sistemas orgânicos no ensino fundamental. No ensino médio, utilizamos peças humanas. Demonstra-

mos a similaridade entre os diversos grupos animais, através da análise dos esqueletos articulados e desarticulados e da análise comparativa de vísceras dos diferentes sistemas. A colaboração e interação entre a Universidade e Sociedade ficou destacada na forma como esta coleção veio sendo montada, ou seja, utilizando-se o perfil teórico e científico da universidade em parceria com a sociedade, que auxiliou na coleta dos espécimes. A coleção de peças anatômicas preparadas com técnicas mais modernas destacou o papel dos museus ou coleções de história natural em preservar o patrimônio cultural das regiões onde se inserem. A importância da pesquisa ficou demonstrada através da coleção de esqueletos desarticulados e peças coletadas que servirão às pesquisas no futuro. A análise da “forma e da função”, destacando-se a analogia de construção entre as espécies animais, serviu como método de conscientização e alertou da necessidade de preservar a natureza animal para a continuidade da vida em harmonia no mesmo bioma. Esta metodologia se baseou no fato de que, se o indivíduo viu e fez, não se esquecerá. A simplicidade da coleção convida cada um a participar porque mostra que “o imaginável é possível para todos”. Se concretizará no chamamento ético que conseguirmos plantar em cada indivíduo que vivenciou esta experiência com sentimento de mudança.

Estes passos foram seguidos por cada grupo de visitantes. Após a visita, submetíamos a experiência a uma avaliação. Utilizamos um formulário, no qual perguntas e respostas sugeriam aos nossos visitantes fazer uma avaliação do que viram. Uma explanação teórica foi feita pelos monitores do projeto, permitindo que os visitantes pudessem opinar.

RESULTADOS

Os conteúdos de morfologia do macro ao microscópico fazem parte da grade curricular (currículo mínimo) de todas as profissões na Área de Ciências da Saúde e Ciências Biológicas, além de estarem contempladas no Ensino Fundamental e Médio dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais em várias séries.

Ao implantar no Campus Avançado de Jataí, cursos da Área Biológica, nos dispusemos a associar à graduação o ensino com a extensão. Desta forma, cada estudante ingresso nos cursos de Medicina Veterinária e Biologia atuou na Extensão Universitária, dentro da proposta pedagógica das disciplinas de morfologia, integrantes

da grade curricular destes cursos.

Planejamos um programa de disciplina onde, além das atividades curriculares normais nas disciplinas de Anatomia Humana e Comparada, cada grupo de alunos de graduação (quatro alunos) acompanhasse um monitor ou técnico em projeto de ensino extensivo nas seguintes atividades: 1. recepção, coleta de material, acompanhamento de dissecação e preparo de material; 2. acompanhamento na preparação e montagem de esqueletos, preparando-os como material para ensino e pesquisa de animais silvestres, acompanhamento na montagem de esqueletos para exposição e preparo de coleções para ensino extensivo; 4. participar da divulgação do projeto na comunidade e atender ao público (estudantes de Ensino Fundamental e Médio) por doze horas semestrais; 5. divulgar e acompanhar a coleção itinerante nas semanas de ciências de estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e privadas da região; 6. participação em seminários de avaliações do projeto para discutir a vivência acadêmica. As atividades e técnicas estão ilustradas no final deste trabalho.

O projeto desenvolveu-se desde 1998 até 2000. Durante este período, a coleção universitária de anatomia passou por processos de modificações, sendo acrescentadas a ela espécimes que são coletados, preparados e incorporados ao acervo. As dificuldades de natureza técnica esbarram nos poucos recursos destinados à manutenção por que passam as Instituições Públicas de Ensino Superior.

Nossa equipe, professores, técnicos, bolsistas, monitores e alunos de graduação, se esforça no sentido de manter a proposta do projeto viva e atuante até que tenhamos o apoio de órgãos governamentais ou civis para uma auto-sustentabilidade. Na coleta e preparo do material, tanto o aluno como as pessoas da comunidade envolvida sentiram a importância do trabalho educativo em parceria e a importância da presença técnica e científico-educativa da Universidade no seio da Sociedade.

A montagem de esqueletos para atendimento à comunidade se estendeu para vários eventos regionais como: exposições agropecuárias; feiras de ciências e semanas de ciências na rede de ensino da região; exposições no museu histórico de Jataí.

A participação do aluno na divulgação do projeto na comunidade extrapolou a esta vivência, possibilitando, inclusive, aos estudantes, a montagem de teatros cênicos, tendo a anatomia como

tema e os grupos de alunos como atores e autores, permitindo ao estudante o estímulo por uma outra modalidade de aprender, além da educação bancária, que não faz da anatomia comparada uma “decoreba”, mas sim uma vivência interativa, interpelativa e transdisciplinar.

Na participação da avaliação dos projetos, toda a equipe docente/técnica/discente foi unânime em interpretar que o ensino extensivo é a chave para acelerar o processo de mudanças na relação ensinar/aprender, além do que, participar fazendo funciona como um método lúdico de ensinar anatomia comparada, que saiu do cadavérico e passou a ser vivificada pelo fazer conjunto.

Uma docente responsável pelo projeto fez o seguinte depoimento: “...quando iniciamos o projeto eu duvidava de tudo aquilo, porque era tão diferente do que eu tinha aprendido na faculdade...”. Um estudante de graduação envolvido no projeto se pronunciou assim: “...pensei que nunca iria passar em anatomia porque tudo era decoreba e eu não consigo decorar, mas não foi assim...”

No desenvolver deste projeto várias instituições de ensino regionais foram atendidas. A experiência está se desenrolando há três anos. Pretende-se transformá-la em ação permanente, pois permanente é o processo de educação, o ensino extensivo e a interação dos centros de produção e reprodução do saber com a comunidade. Foram atendidas 1.800 pessoas neste período. Na exposição do museu histórico em 1999, que permaneceu aberta durante trinta dias, foram atendidas 17 escolas: Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho; Escola Estadual Frei Domingos; Colégio Alcance; Colégio Estadual Sebastião Alves Ferreira (Maurilândia); Colégio João Roberto Moreira; Educandário Pequeno Príncipe; Centro Educacional Caminho da Luz; Escola Alcântara de Carvalho; Escola Estadual José Feliciano Ferreira; Escola Diogo Lemes; Colégio Luziano Dias; Escola Municipal José do Prado; Escola Érica de Melo; Escola Municipal Profa. Ana Isabel Franco; Escola Professor Jobim; Escola Municipal Flávio Vilela; Escola Municipal Vereador João Justino. Destas escolas, visitaram a exposição 360 alunos. Entre o público presente, ainda, destacamos a presença de alunos de cursos universitários e outras pessoas integrantes da comunidade, totalizando 176 pessoas atendidas.

DISCUSSÃO

Indiscutível é o papel educativo dos museus, coleções universitárias e assemelhados. His-

toricamente sabemos que estes espaços preservam o patrimônio cultural dos povos em diferentes épocas.

Implantar cursos de graduação é fácil em qualquer região. Difícil é fazê-los transformar a realidade regional, convidando os homens a crescer. Interessante, no entanto, seria que a proposta pedagógica de cada área estivesse voltada para a mudança desta realidade, não apenas no papel, e que a transferência do conhecimento e o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia pudesse inserir os homens no contexto da globalização, respeitando-se as etnias, biomas e culturas, ou seja, evitando-se as exclusões.

Este projeto representou apenas um querer fazer, além de mostrar um caminho simples de olhar para as **formas da natureza**, contemplá-las e acreditar que elas devam continuar a existir e que tudo isto possa ser bom para a vida de cada ser humano e para a natureza que o cerca.

Os docentes da Área de Morfologia pouco escreveram na última década sobre a relação Ensinar-Aprender. Desde o Congresso Brasileiro de Anatomia, em Fortaleza, 1994, na discussão do tema: Ensino de Anatomia, vozes de docentes de todo o país têm clamado por transformação nesta relação ensino/aprendizagem. Cada grupo trabalhando isolado ou com poucos parceiros vem tentando fazer o melhor, na tentativa de formar um profissional melhor, capaz de auxiliar no processo de transformação da sociedade. Foi isto que fizemos neste projeto, a partir do simples, a partir do que dispúnhamos, nos propusemos a estimular no aluno o espírito de observação, crítico e científico. Nossa formação nos permite perceber com sensibilidade que a forma de ensinar anatomia/morfologia, seja nos cursos de bacharelado ou licenciatura, não tem conduzido o profissional à competência. Por isto, temos tentado buscar outras formas de envolver o aluno na aprendizagem a fim de que esta se torne duradoura. CAMARGO (1999) lembra que adolescência é palavra de origem latina e significa o processo de crescimento do ser humano entre 12 e 25 anos de idade e que esta faixa etária depende das solicitações feitas ao sujeito pela realidade social na qual se insere. A realidade do ensino de anatomia é, em grande parte, uma exigência constante do aluno estar memorizando exaustivamente. Se não memorizar, não passa de ano. O que fazer com artérias, vísceras, processos trocanteres, forames, fissuras e lobos hepáticos, pulmonares etc? Eis a questão colocada para nós educadores e

educandos. FERREIRA (1998) relata a dificuldade de alunos de graduação nas exigências extremas de memorização no curso de medicina, chegando estas exigências inclusive a desencadear em alguns estudantes um quadro de baixa estima. Nossa proposta buscou evitar a memorização e trazer o aluno para a sua realidade social na tentativa de reforçar o que ABERASTURY & KNOBEL (1989) definem como alguns dos aspectos da síndrome da adolescência normal: tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; atitude social reivindicadora; constantes flutuações de humor e estado de ânimo. Este aluno foi fazer coleta, preparar, ensinar outros jovens de faixa etária ou nível de escolaridade mais baixa. Este aluno foi para o campo de ação na comunidade para entendê-la e interpretá-la, unir-se a ela para transformá-la para melhor e, quando o cordão umbilical da tutela da Universidade tiver que ser rompido na ocasião da formatura, ele estará pronto e fortalecido. Nesta época, o questionamento de CAMARGO (1999): "o que você vai ser quando crescer?" terá uma possibilidade melhor de resposta, pois a referência deste profissional no contexto sócio-cultural, durante a vivência acadêmica, pelo menos na morfologia, buscou auxiliá-lo na identificação e ocupação de seus espaços profissionais.

Experiências semelhantes de utilização das coleções universitárias e de ações destas coleções na sociedade foram vivenciada por FERREIRA et al. (1999) e FERREIRA & LUIZ (1998), onde os autores acreditam que é necessário transformar estas atividades em ações permanentes integradas, interdisciplinares e inter-institucionais, abrindo as portas da universidade (saber produzido) para o cidadão comum (saber apropriado).

Na prática cotidiana, as últimas décadas nos conduziram à busca de qualificar docentes, formar especialistas, mestres, doutores. Os centros de formação no Brasil nem sempre têm linhas de ensino e pesquisa voltados para as realidades regionais e isto tem dificultado em parte a aceleração do processo de mudança que se faz necessário. SIQUEIRA-NETO & FERREIRA (1997) observaram este, entre outros aspectos, no ensino da anatomia humana no curso de medicina da Universidade Federal de Goiás, onde a qualificação docente melhorou, embora ainda não tenha alterado a qualidade da graduação relativamente ao número de docentes qualificados na última década.

CAMARGO (2000) discute o limite e o

papel do professor e cita Piaget indicando como uma das funções da escola "*formar indivíduos capazes de autonomia intelectual e moral e respeitadores desta autonomia em outrem, em decorrência precisamente da regra de reciprocidade que a torna legítima para eles mesmos.*" CAMARGO (2000) refere, ainda, que grande parte dos professores deixa de utilizar um procedimento simples e de grande valia para o processo ensino-aprendizagem: o trabalho de grupo. Foi isto que fizemos no Campus Avançado de Jataí. Trabalhos em grupo. Nossas ações foram o resultado da soma de nossas idéias, potencialidades, limitações, sonhos, frustrações. Acreditamos que esta tenha sido uma vivência produtiva de ensino participativo como os relatados por FERREIRA et al. (2000 a/b).

Nossa proposta foi projetar uma coleção universitária a partir de espécimes coletados na fauna regional, o cerrado na região sudoeste do Estado de Goiás e, a partir dela, implementar uma ação pedagógica participativa, onde o trabalho de grupo representou o ponto de coesão das ações e nisto elas concretizam no pensamento de REIS (1995). Todas as vezes que este acervo ou parte dele foi às ruas, acreditamos que seu impacto educativo foi positivo. Esta ação consolida uma posição de educar para a vida, que é um dos grandes papéis da morfologia comparativa, haja vista a importância dos museus e coleções de história natural nos países desenvolvidos.

CONCLUSÕES

Acreditamos poder concluir que: 1. Cada homem, mulher, criança, velho, ao contemplar nesta singela coleção, os corpos animais e o próprio corpo, se bem conduzido, se projeta no tempo profundo que os criou; 2. As falas dos docentes de ensino fundamental e médio visitantes foram unânimes em colocar a importância desta coleção interativa, embora simples e pequena; 3. Uma criança fez o seguinte depoimento: "**O cerrado será visto com outros olhos depois que vi o esqueleto do tamanduá**"..., relacionando a mão deste animal com uma escavadeira mecânica. 4. Um monitor faz a seguinte reflexão: "**Dá vontade da gente se dedicar à educação quando vejo o brilho nos olhos destas crianças. É pena que sejam tão mal pagos os que se dedicam... Preparamos os temas mas elas sempre solicitam mais...**" 5. Os docentes e estudantes do ensino fundamental e médio atendidos no projeto, após as visitas, gostariam de voltar para ter outras oportunidades de trocas de experiências.

Os descaminhos da educação, neste país,

nos convidam, agora ou nunca, a somar forças, a respeitar a experiência dos que já trilharam caminhos difíceis, preservar a natureza animal, conservar a vida no planeta. ...**Vida, Função e Forma...** Formas de vida interativas que percorrem caminhos comuns, se completam e transformam vivências em projetos do ...**Futuro Existir...** para todos, em harmonia com esta natureza que recebe a todos no seu seio.

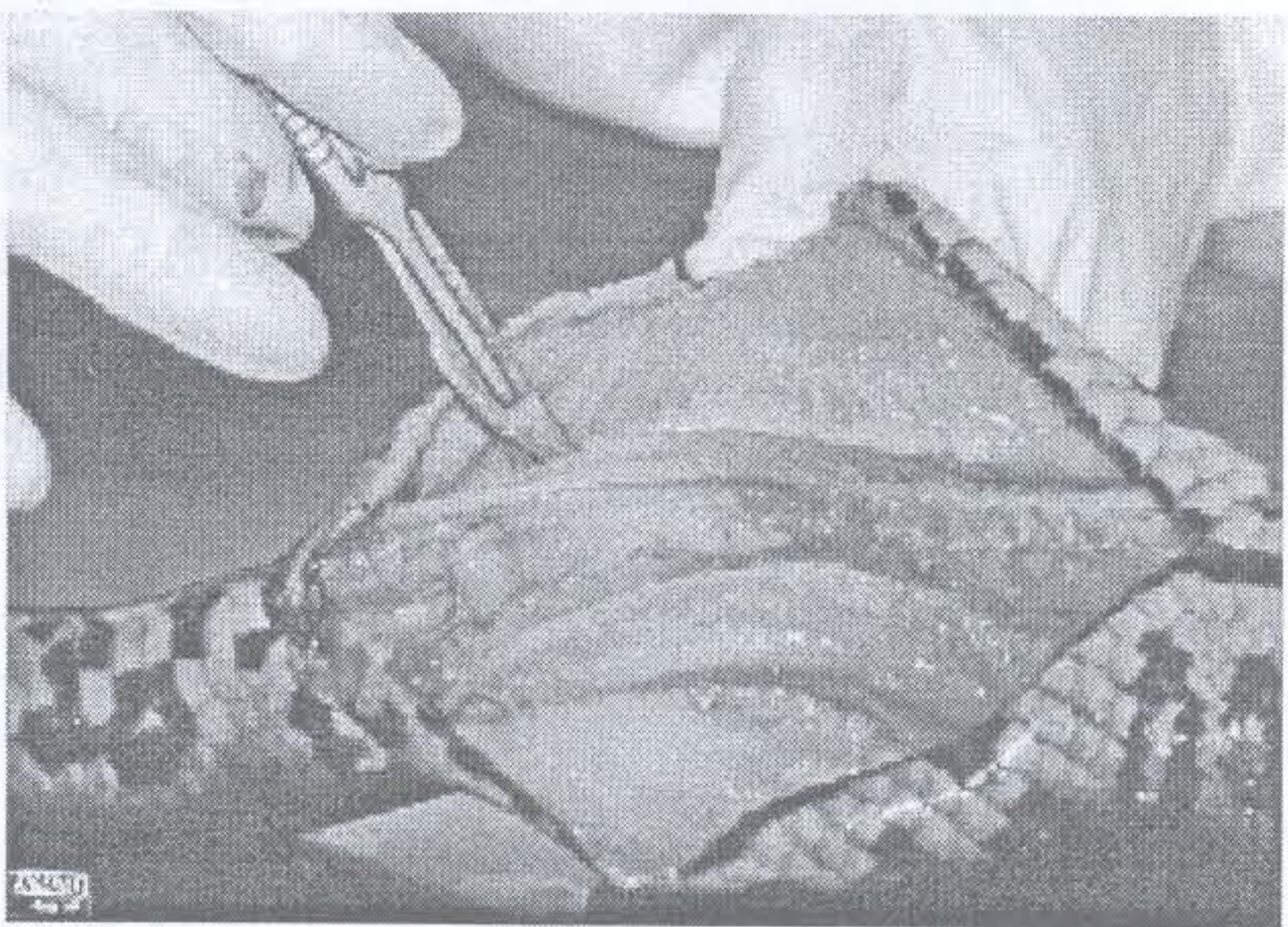
A equipe que participou deste trabalho espera que, quando não mais estivermos lá no sudoeste, este projeto continue a frutificar, acreditando que desta forma estaremos dando vazão ao **V mandamento da Lei Mosaica: Não matarás as alternativas já criadas; Não matarás as experiências produtivas; Não matarás a possibilidade de difundir o conhecimento e a cultura; Não matarás a esperança dos jovens; Não matarás o ideal de mudanças no coração dos homens, onde quer que eles se encontrem.**

Universidade, Ensino, Sociedade, este é um caminho onde cada docente e cada aluno que o percorre deva se transformar em um agente de mudança. É só fazer. O país espera que os educadores cumpram o seu dever de tal forma que o **Ensino, a Pesquisa e a Extensão** não sejam apenas um discurso teórico ou pressuposto filosófico e que todo o acervo de ensino ou pesquisa esteja sempre disponível para atender a comunidade que julga o que já foi feito; aproveita a lição no presente para ser dona de um futuro mais humanizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p.92.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. MEC/SEF. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília. 1998. p.7-41.
- CAMARGO, J.S. Adolescência ou "aborrescência": eis a questão. *Arq. Apadec*, 3(2): 9-13, 1999.
- _____. Pais e professores a beira de um ataque de nervos: entre o limite e o poder. *Arq. Apadec*, 4(2): 60-64, 2000.
- FERREIRA, J.R. Ensinando ao contrário. *Arq. Cienc. Saúde Unipar*, 2(3): 257-68, 1998.
- FERREIRA, J.R.; LUIZ, C.R. Universidade da vida / Universidade do saber programa de integração. *Arq. Apadec*, 2(2): 63-67, 1998.
- FERREIRA, J.R.; LUIZ, C.R.; MATA, J.R.; MIRANDA, D.F.; CARNEIRO, L.B. O papel educativo do museu

- didático. *Arq. Cienc. Saúde Unipar*, 3(2): 131-37, 1999.
- FERREIRA, J.R.; SILVA, R.A.; PERES, C.R.G.; SILVA, L.D. Aprender praticando anatomia comparativa – Programa integrado de ensino extensivo a alunos do ensino fundamental e médio. *Arq. Apadec*, 4(2): 65-73, 2000a.
- FERREIRA, J.R.; SILVA, R.A.; ROCHA, L.M.da; SILVA, M.L. Teatro anatômico: pequeno príncipe em uma viagem fantástica. *Arq. Apadec*, 4(2): 74-79, 2000b.
- REIS, R.H. A extensão como prática acadêmica e sua indissociabilidade ao ensino e a pesquisa. *Revista de Extensão Universitária*, 1(3):42-54, 1997.
- SIQUEIRA-NETO, E.G.B.; FERREIRA, J.R. *O ensino da anatomia humana no curso de medicina da Universidade Federal de Goiás – Avaliação e Perspectivas*. Goiânia: UFG, 1997. 78p. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino Superior), Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás, 1977.



Figuras 1 e 2. Animal acidentado coletado pela comunidade para preparo de coleção educativa, sendo dissecado pelo corpo técnico do CAJ/UFG, que orienta grupos estudantis na coleta, preservação e conservação do material (animal doado pela comunidade).



Figura 3. Ossada de animais silvestres coletados para montagem de coleção de referência para pesquisa sobre fauna do cerrado. (animal acidentado nas rodovias).

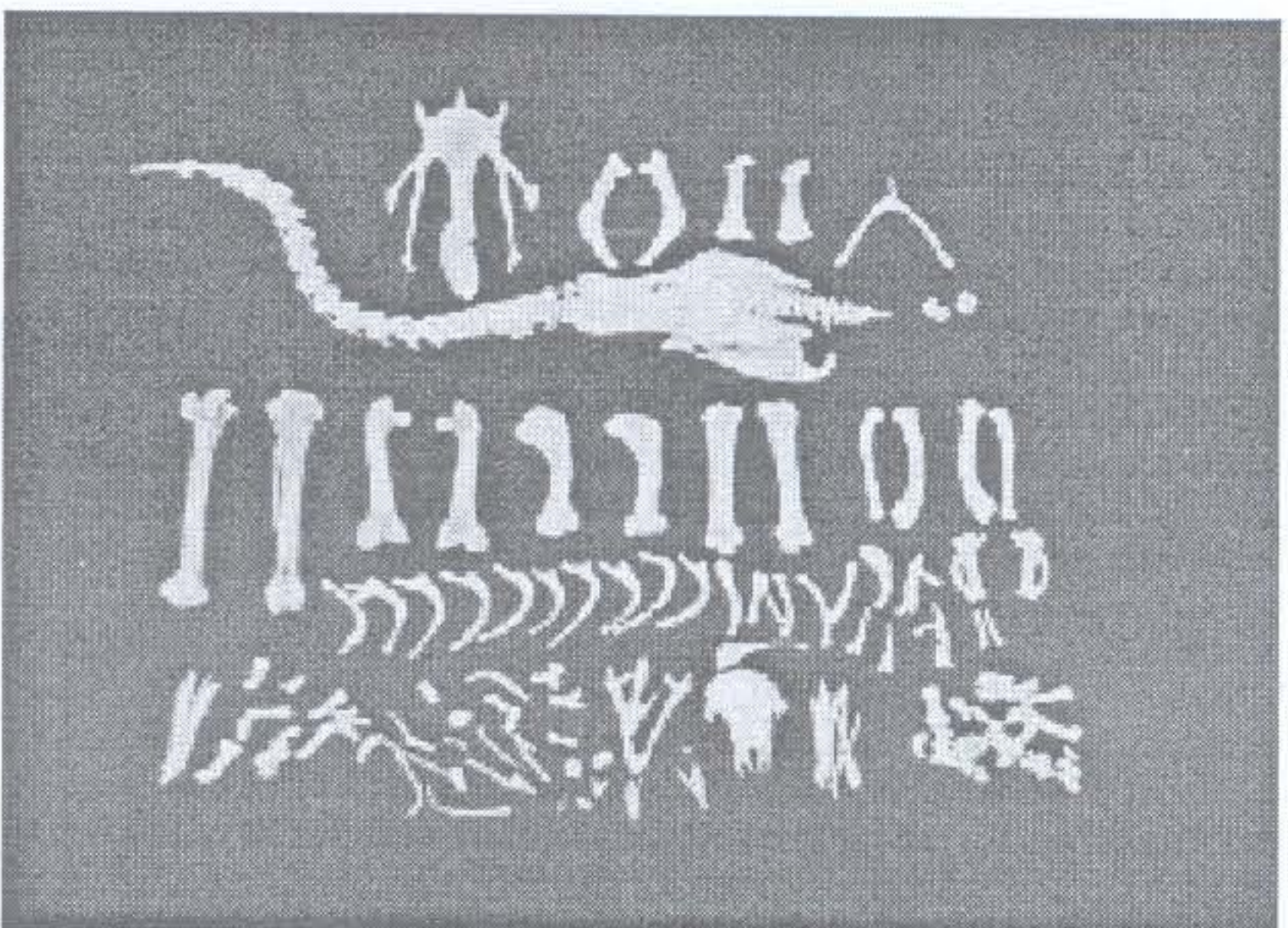
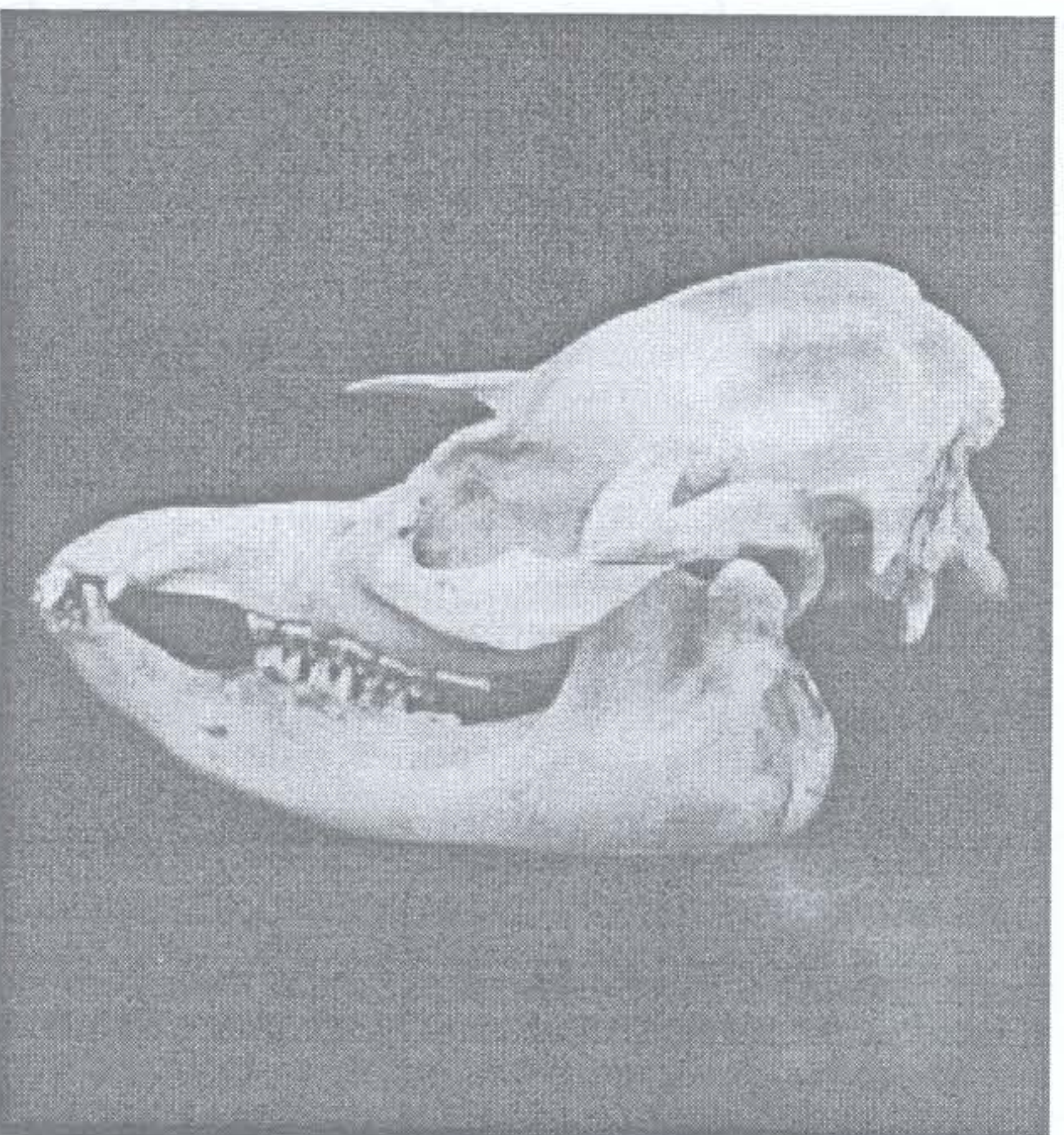
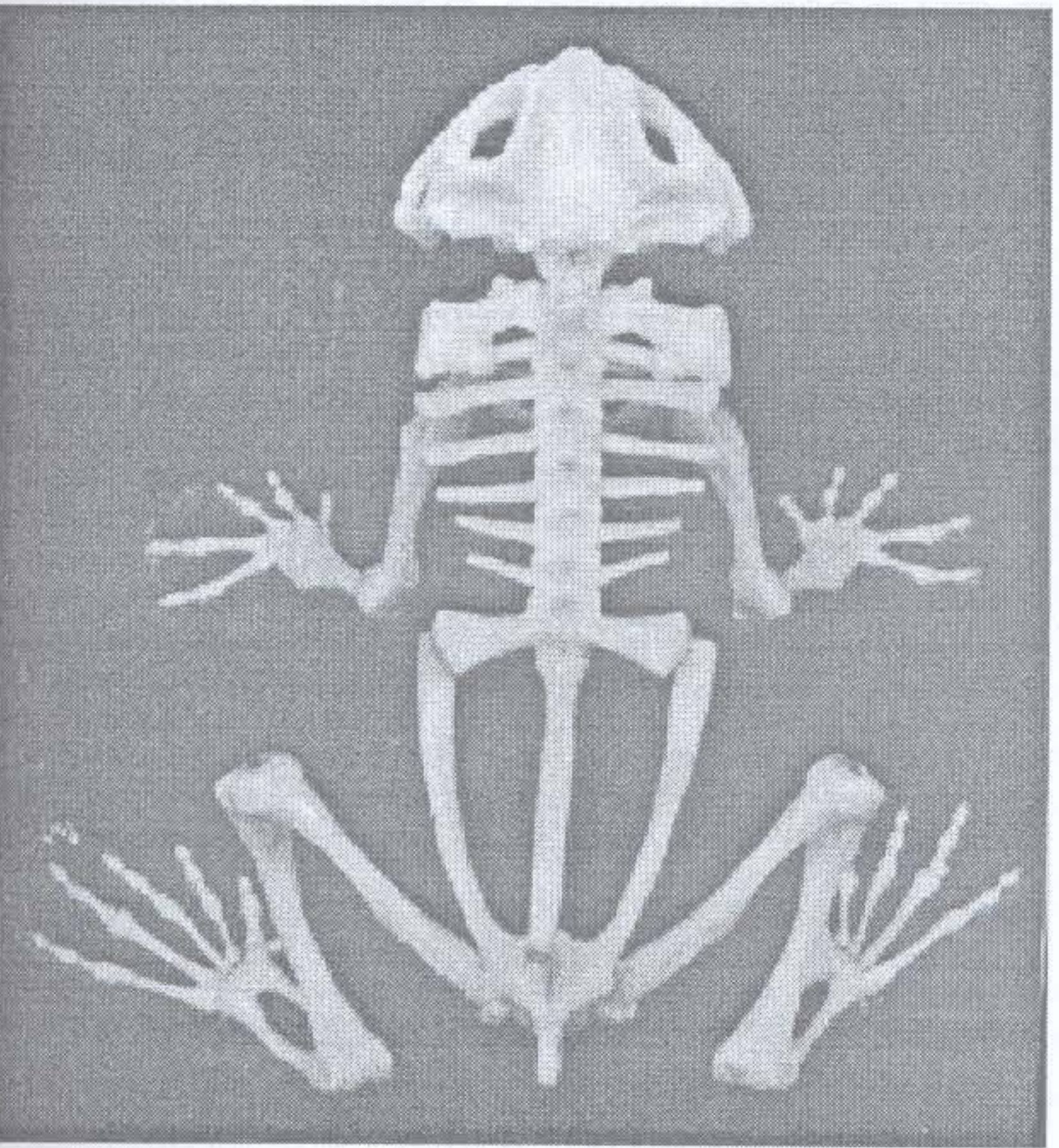


Figura 4. Ossos de animais domésticos coletados na região, destinados à confecção de esqueletos, na fase de preparo (doados pela comunidade).



Figuras 5 e 6. Coleção didática para ensino extensivo, destinada a atender ao público das feiras de ciências nos colégios de Ensino Fundamental nos municípios do Sudoeste goiano (animais doados pela comunidade).